

## **Cruzar Olhares para ver o Mundo: A Literatura Infanto-juvenil e a Comunicação Intercultural**

**Maria da Conceição Tomé**  
Agrupamento de Escolas Viseu Sul  
Universidade Aberta, Centro de Estudos das Migrações e Relações  
Interculturais, Portugal  
[mconceicao.tome@cidh.pt](mailto:mconceicao.tome@cidh.pt)

**Glória Bastos**  
Universidade Aberta, Centro de Estudos das Migrações e Relações  
Interculturais, Portugal  
[gloria@uab.pt](mailto:gloria@uab.pt)

### **Introdução**

Vivemos, em pleno século XXI, numa grande aldeia, tendo as transformações tecnológicas, sociais e políticas reduzido as distâncias entre as pessoas e as diferentes culturas. Por outro lado, os movimentos migratórios contemporâneos proporcionam, no quotidiano, a interação entre pessoas de diferentes raças, nacionalidades e etnias. Sublinhe-se, no entanto, que as sociedades ocidentais têm vindo a deparar-se com problemas graves de integração das minorias étnicas, culturais e religiosas, registando-se, um pouco por todo o lado, conflitos e manifestações xenófobas e racistas. Em Portugal, como noutros países do mundo<sup>1</sup>, há ocorrências de discriminação racial, quer ao nível dos comportamentos individuais quer ao nível das instituições, como sublinha Cabecinhas (2010). Com efeito, vários estudos demonstram que nas sociedades ocidentais surgem novas expressões de racismo, talvez não tão visivelmente flagrantes, mas de carácter mais subtil, associando-se, sobretudo, à diferenciação no plano cultural (Cabecinhas, 2010; Lages et al., 2006; Marques, 2007).

Sublinhe-se que, em contexto escolar, encontramos, de forma generalizada no nosso país, estudantes oriundos de diversos pontos do mundo, sobretudo de África, da Ásia e dos países de Leste europeu, muitos deles imigrantes forçados pelas decisões

dos progenitores. A escola torna-se, assim, um palco de interação entre jovens de diversas raças e culturas, constituindo a educação intercultural, na actualidade, um verdadeiro desafio para todos os professores e educadores. Recorde-se a este propósito a importante reflexão que Martine Abdallah-Preteuille desenvolveu em várias obras suas, apontando que a pedagogia intercultural é ainda o lugar privilegiado para o “exercício da solidariedade” (1996, p. 157), não se tratando de um “conteúdo” a ensinar mas de procedimentos de análise e de aprendizagem, que responde à evolução pluricultural do sistema social e, por consequência, do público escolar.

De acordo com a Lei de Bases do Sistema Educativo n.º 46/86 de 14 de Outubro, no seu Artigo 3.º (Princípios gerais), alínea d), a educação deve “Assegurar o direito à diferença, mercê do respeito pelas personalidades e pelos projectos individuais da existência, bem como da consideração e valorização dos diferentes saberes e culturas”. Desde 1991, com a criação do Secretariado Coordenador dos Programas Multiculturais, no Ministério da Educação, mais tarde designado “Secretariado Entreculturais”<sup>2</sup>, deu-se início a um trabalho regular na formação educativa de carácter intercultural. Numa sociedade cada vez mais multicultural, cabe à educação, numa primeira linha de actuação, desenvolver acções que promovam e consolidem o diálogo intercultural<sup>3</sup>. A comunicação fraterna com pessoas de diferentes culturas, num diálogo respeitador da diversidade cultural, constitui-se como o único caminho possível para a convivência salutar entre indivíduos e para o conhecimento e enriquecimento mútuos.

Com efeito, o confronto com outras civilizações e culturas contribui para o crescimento pessoal de cada sujeito, porque, como sublinha Kristeva (1988, p. 19), “D’autres civilisations apportent d’autres conceptions de l’être humain. [...] Car la diversité des modèles culturels est le seul gage de respect pour cette “humanité” dont nous n’avons pas de définition autre que l’hospitalité”. O contacto com outras formas de vida, com outros costumes e valores permite alargar os horizontes e ver o mundo desde outras perspectivas, tornando os sujeitos disponíveis para uma efectiva comunicação intercultural. Olhando para o plano educativo, importa sublinhar que a pedagogia intercultural não se restringe aos contextos onde existem imigrantes, pois a diversidade cultural é algo já inerente à sociedade actual.

No contexto português, este é um caminho que tem de ser percorrido de forma continuada. Olhando para os resultados do último relatório da ECRI (2007), para além

de se apontar o facto de as criançãas de certos grupos imigrantes, em particular de países africanos, não apresentarem um rendimento escolar tão bom como o dos alunos portugueses, sendo uma das explicações adiantadas para esta situaçãõ a falta de uma abordagem multicultural nas escolas (p. 18), salienta-se ainda, “que a integraçãõ de sucesso é um processo bilateral, que envolve esforçõs por parte não só dos próprios imigrantes mas também da populaçãõ portuguesa, que deve estar consciente da vertente humana e enriquecedora de uma sociedade multicultural” (p. 24).

Tendo em atençãõ os elementos apontados, a literatura infantil e juvenil pode constituir-se como “um espaço de representaçãõ da diversidade cultural que nos rodeia, de muitas vozes que falam directamente ao intelecto de leitores sobre muitas coisas, de forma variada” (Morgado & Pires, 2010, p. 13), assumindo-se como um caminho privilegiado no âmbito da educaçãõ intercultural. O texto literário é, na verdade, uma das “portas” de acesso à compreensãõ do mundo. Neste contexto, é pertinente destacar a funçãõ formativa da literatura, e de modo particular da literatura infantil e juvenil, cujos efeitos perlocutivos não podem ser desprezados.

No que se refere à promoçãõ da comunicaçãõ intercultural, a literatura para os mais novos pode contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito, compreensãõ e aceitaçãõ das diferençãas culturais e étnicas (Balça, 2007; Bastos, 2008; Gomes, n.d.). Na verdade, os textos literários transportam em si um enorme potencial educativo para a promoçãõ do diálogo entre as culturas, “para o desenvolvimento de uma consciênciã crítica sobre o mundo e para a promoçãõ educativa, tanto da tolerância em relaçãõ aos que são percebidos como diferentes, como da solidariedade para com os que sofrem qualquer tipo de marginalizaçãõ ou esquecimento nas sociedades contemporâneas” (Morgado & Pires, 2010, p. 14).

Refira-se que, em 2006, com o nascimento do Plano Nacional de Leitura (PNL), uma iniciativa da responsabilidade do Ministério da Educaçãõ, em articulaçãõ com o Ministério da Cultura e o Gabinete do Ministro dos Assuntos Parlamentares, que visou constituir-se como “resposta institucional à preocupaçãõ quanto aos níveis de literacia da populaçãõ, em particular nos jovens, significativamente inferiores à média europeia” (Santos et al., 2007, p. 35), as criançãas e os jovens portugueses ficaram mais próximos dos livros. Com efeito, graças à implementaçãõ de alguns dos programas do PNL, nomeadamente “Está na hora dos livros” (pré-escolar), “Está na hora da leitura” (1.º ciclo), “Quanto mais livros melhor” (2.º ciclo) e “Navegar na leitura” (3.º ciclo), que se traduz na inserçãõ na programaçãõ das aulas de Português

de tempos lectivos dedicados à realizaçãõ de actividades de leitura e escrita, bem como de outras actividades (leitura recreativa, encontro com escritores e ilustradores, envolvimento das famílias, concursos...), realizam-se mais actividades de promoçãõ da leitura em contexto curricular e extracurricular, em colaboraçãõ com as famílias e outras entidades. Sublinhe-se, neste contexto de aproximaçãõ dos livros aos potenciais leitores e da realizaçãõ de actividades de animaçãõ para a leitura, a importânciã das bibliotecas escolares que, sobretudo desde 1996, data da criaçãõ da Rede de Bibliotecas Escolares, têm vindo a realizar em Portugal um grande investimento nesta matéria, constituindo-se como importantes parceiras do PNL. Desde o seu iníciõ, o PNL tem elaborado, e actualizado anualmente, uma listagem de livros recomendados quer para a leitura orientada na sala de aula, quer para a leitura autônoma, com apoio ou não dos professores e família, quer para apoio a projectos relacionados com diversas temáticas curriculares<sup>4</sup>.

Neste artigo, apresenta-se uma leitura de um conjunto de produções literárias portuguesas destinadas à leitura em contexto escolar (todos os livros identificados constam nas listas de obras sugeridas pelo PNL), explanando a sua dimensãõ formativa ao nível do desenvolvimento de competências interculturais. Seleccionaram-se livros apenas de autores portugueses e para destinatários de diferentes idades (e para contextos educativos diferenciados, desde o pré-escolar ao 3.º ciclo do ensino básico), no sentido de revelar que a temática aqui abordada tem vindo a marcar presença, de forma cada vez mais constante, na literatura escrita em português para criançãas e jovens.

#### **A literatura infantil e juvenil: ponto de encontro de olhares e culturas**

No âmbito da literatura publicada para a infãncia, encontramos diversas propostas que demonstram uma atençãõ particular às novas configurações da sociedade portuguesa. É importante assinalar um facto relevante: sobretudo nos últimos anos, têm surgido obras apresentando como protagonistas criançãas imigrantes e focalizando, de forma mais incisiva, os seus problemas de inserçãõ e os seus sentimentos face ao novo ambiente em que têm de viver. Os textos de Luisa Ducla Soares (o conto “O primeiro Natal em Portugal” – do livro *Há sempre uma estrela no Natal* – é protagonizado por Irina, uma menina ucraniana; *Desejos de Natal*, apresenta-nos diversos contos, onde surgem criançãas africanas e oriundas da China em papéis centrais) ou de Margarida Botelho (*A colecçãõ*, protagonizado por um

menino português e por uma menina chinesa) são representativos desta nova tendência, permitindo que o leitor se confronte com situações que despertam o seu olhar para as situações vividas pelo Outro, encontrando com frequênciã afinidades na diferençã, como acontece com as figuras centrais de *A Coleçãõ*. Neste sentido, estes livros permitem concretizar uma verdadeira perspectiva intercultural, ao tomarem em consideraçãõ dois componentes fundamentais, como sublinham M. Abdallah-Preteuille e L. Porcher: “tout être humain est à la fois différent de moi et identique à moi” (1996, p. 142).

Nos livros para os mais pequenos é, todavia, frequente o recurso a personagens animais, uma vez que se reconhece o relevo dos processos de identificaçãõ das criançãs com os animais, que surgem antropomorfizados nos contos. Simbolizando e representando com frequênciã atitudes humanas, muitos contos de animais assemelham-se a fãbulas, desenvolvendo argumentos que pretendem ilustrar e fazer reflectir sobre os equívocos originados pelas conexões ou contrastes entre o ser e o parecer, entre a aparênciã e a substãncia. E nas listas do PNL encontramos várias obras que, atravêz de personagens animais, remetem para a temãtica das relações e do diãlogo intercultural, apontando-se em seguida trêz exemplos que merecem a nossa atençãõ.

Em *Barbatanar nas cores do arco-íris* (2006), de Carlos Canhoto (sugerido para leitura autônoma no 3.º ano de escolaridade), o pequeno leitor é convidado a partilhar as peripécias de um pequeno peixe colorido, chamado Flu, e dos seus amigos. Sendo de diferentes espêcies, todos partilham o sonho pela aventura, e apesar das palavras repetidas pelos mais velhos – “A diferençã é sempre uma perigosa ameaça” (p. 33) – os jovens amigos aprendem os valores da amizade e da solidariedade, mais importantes do que as diferençãs que os caracterizam.

Isabel Minhõs Martins apresenta em *O meu vizinho é um cãõ* (2008) uma perspectiva singular, em forma de parãbola, sobre as relações entre os individuos (no caso desta narrativa, entre humanos e animais), convidando a uma leitura reflexiva sobre a forma como olhamos e nos relacionamos com o Outro, e a questionar as nossas ideias feitas e os nossos preconceitos. O percurso empreendido leva a compreender, também atravêz do jogo humorístico e das ambiguidades criadas, que o que interessa nãõ sãõ as diferençãs, mas uma verdade mais abrangente: a nossa capacidade para descobrir o melhor em cada ser.

Uma ideia que é recorrente no debate sobre a interculturalidade e o contacto entre povos remete para a problemãtica do desconhecido: tememos o que nãõ conhecemos e muitos dos sentimentos de rejeiçãõ e de desconfiança residem no nosso desconhecimento sobre o Outro - quem é, como vive e pensa. Esta questãõ estã apresentada de forma exemplar num livro indicado pelo PNL, para a educaçãõ prê-escolar. Trata-se de *O Cuquedo*, de Clara Cunha (2008), que numa narrativa simples, de estrutura repetitiva, vai acumulando situações e animais que partilham um mesmo sentimento: o medo por um novo ser que chegou à selva. Esse ser, que nenhum dos animais ainda viu, é no entanto caracterizado por todos como “muito assustador”. Só no final o mistério é resolvido, quando aparece em cena o tal Cuquedo, bem mais pequeno que todos os restantes animais da selva e, aparentemente, sem intençãõ inicial de causar tamanho receio. O que importa sublinhar neste momento é que, do ponto de vista dos efeitos sobre o pequeno leitor, este livro desmistifica esse medo que sentimos pelo outro com quem nunca contactãmos e cuja “narrativa existencial” é construída, muitas vezes, atravêz da ignorãncia e do preconceito.

No que diz respeito às produções literãrias de potencial recepçãõ juvenil, gostaríamos de destacar que, desde 1995, o nũmero de livros para adolescentes cuja açãõ decorre fora de Portugal, nãõ só em paìses europeus, mas também em paìses do Mèdio Oriente e da Amèrica tem vindo a aumentar. Claramente, parece haver por parte dos autores vontade de dar a conhecer aos seus leitores aspectos de outras culturas. Concretamente é possìvel verificar que uma coleçãõ muito apreciada pelos jovens portugueses – referimo-nos à coleçãõ *Uma Aventura*, de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, editada pela Editorial Caminho desde 1982 – apresenta, a partir de 1995, aventuras dos seus protagonistas vividas em Macau, Espanha, Egipto, Tailãndia e Amazõnia. Os leitores desta coleçãõ já tinham vivido, com os seus herõis, aventuras empolgantes em Marrocos, Cabo Verde, França e Escõcia, em publicações anteriores a 1995. Blockeel (2001, p. 229) sublinha que, no que diz respeito ao perìodo que analisa na sua tese de doutoramento (1974-1994), as autoras da coleçãõ *Uma Aventura* sãõ as que mais “viajam”, registando-se, no entanto, nos trinta e quatro livros publicados até 1994, apenas quatro livros cuja açãõ se desenrola num paìs estrangeiro. Entre 1995 e 2010, as autoras publicaram dezoito livros, tendo a aventura de seis deles acontecido fora de Portugal, o que parece ser significativo em termos da presençã de uma perspectiva intercultural.

Mas outras obras privilegiam também cenários fora de Portugal, para o desenrolar da acção, em especial as séries de aventuras. No PNL, para além da série *Uma Aventura* (indicada para o 4.º e para o 5.º ano), encontramos ainda sugeridos títulos das colecções *Vamos viajar*, de Ana Saldanha (indicado para leitura autónoma no 4.º ano), cuja designação desde logo esclarece a orientação dada a cada narrativa e *Os Primos*, de Mafalda Moutinho (indicado para leitura autónoma no 6.º ano), que relata as aventuras de três jovens exploradores em vários lugares do mundo<sup>5</sup>. Naturalmente, como também realça Blockeel (2001, p. 229), pela própria natureza do género de aventuras, são sobretudo estes livros que avançam para o desconhecido. No contexto da promoção do diálogo intercultural, José António Gomes (n.d., p. 10) aponta que “a seu modo, também a novela e o romance juvenil podem concorrer para o despertar da curiosidade e experiências de vida noutros países ou para meditação sobre problemas como o racismo ou a inadaptacão social provocada pelo choque entre culturas”.

É pertinente sublinhar que estas narrativas de aventuras e mistério promovem o contacto dos leitores com múltiplos aspectos culturais dos países onde se desenrola a aventura<sup>6</sup>, nomeadamente ao nível da cultura gastronómica, explorando-se, de forma globalmente positiva, as tradições alimentares destes países. Por outro lado, a exploração de outros aspectos da cultura do Outro possibilita o contacto dos leitores com elementos da História, arquitectura, arte, literatura e tradições dos diferentes países, ainda que, em algumas situações, se aproveitem essas referências para valorizar o passado português.

No âmbito da literatura de potencial recepção juvenil, gostaríamos de destacar o conto “O Jantar Chinês”, do volume *O Jantar Chinês e outras histórias*, de Maria Ondina Braga, publicado em 2004 pela Editorial Caminho, na colecção *Livros do Dia e da Noite*. Este livro, integrado na lista do PNL, para leitura orientada na sala de aula com alunos do 6.º ano de escolaridade, resulta, como se pode ler na contracapa, de “experiências de vida que transpõs para a escrita”, decorrentes da permanência da autora na China. Escrito numa perspectiva autobiográfica, narra a visita ao Porto Interior de Macau. A partir do olhar atento, emocionado e imbuído de poesia desta contadora, os leitores a quem ela chama “meus amigos”, são guiados por entre os barcos dessa outra cidade a “balouçar no rio das Pérolas” até à casa de Yu, um dos meninos que frequenta a escola e já conhecido da narradora. É pertinente referir que a narradora descreve com algum pormenor o local onde mora Yu com o seu avô,

evidenciando a simplicidade do espaço (apenas uma esteira para dormir, uns banquinhos de bambu...) e o facto de, em menos de três metros, (con)viverem humanos e animais domésticos (animais de capoeira, pássaros e um cão).

Este encontro com Yu e a sua vida simples e pobre e, paralelamente, com a gigantesca dignidade e riqueza interior do jovem menino e do seu avô, não deixam o leitor indiferente. Com efeito, os protagonistas recebem com a maior das hospitalidades na humilde casa-barco a «*Sim-sam*» (professora), partilhando com ela parte do seu jantar (arroz e legumes) e oferecendo-lhe também um precioso ovo cozido, uma iguaria reservada apenas para dias de festa.

Os leitores cruzam-se, através de uma descriçãõ fortemente cinematográfica, com um pedaço do mundo do Outro: os barcos pequenos (*sampans*), os barcos que servem de casa aos pescadores (*fân-siuns*), os barcos-loja carregados de mercadorias e os barcos restaurante. Pela leitura, sentem-se os cheiros a banha de porco, picantes e fritos, e os leitores são introduzidos a várias iguarias gastronómicas asiáticas. As referências a um incensador em forma de Buda de grés, com o qual o avô purificava o espaço onde morava e afastava os odores nauseabundos da maré baixa e do excesso de populaçãõ que partilhava o Porto de Macau, e ao Cristo de barro no tecto do quarto de dormir são exemplo da diversidade da cultura religiosa asiática que congrega em si uma variedade de possibilidades.

As duas personagens principais deste conto são descritas sobretudo pelas suas características psicológicas, revelando um carácter humano excepcional, uma simpatia e uma grandeza de espírito que comove a narradora. Esta explica que o nome do rapazinho, Yu, significa em português *jade*, uma pedra oriental preciosa e de cor verde, acabando o nome do menino por, metaforicamente, espelhar a sua dimensãõ humana. Retratando de forma realista e ao mesmo tempo impressiva o ambiente asiático e alguns dos pormenores referentes à sua cultura (gastronómica, social e religiosa), este conto apoia, de alguma forma, o conhecimento do Outro e da sua cultura. Sublinhe-se que o facto de um dos protagonistas ser uma criançãõ cria uma empatia imediata com o leitor, promovendo, de certo modo, uma aproximaçãõ ou maior adesãõ aos factos narrados.

Tendo também como pano de fundo a cultura asiática, o livro *O Conto dos Chineses*, de José Cardoso Pires, originalmente publicado em 1959, mas reeditado em 2009 com belíssimas ilustrações de Henrique Cayatte, constitui-se como um exemplo do possível e desejável diálogo entre culturas. Com efeito, a narrativa conta a história

de um encontro entre um guarda de uma obra e dois chineses que procuram um lugar onde comer, fazendo, de uma forma poderosa, a apologia do enriquecimento humano pelo confronto com a diversidade cultural. O homem partilha a comida com os imigrantes chineses e todos trocam experiências sobre a gastronomia e a língua, duas marcas culturais essenciais. O diálogo estabelecido esbate as diferenças que poderiam tornar-se obstáculo, revelando o essencial nas interações entre os seres humanos. Como conclui o protagonista ao referir-se a estes dois chineses: “Como nós [...] tal e qual como nós. No comer e em tudo”, veiculando a noção basililar da igualdade entre os seres humanos, apesar da diversidade cultural, e do respeito que o Outro, independentemente da sua diferença, nos merece.

A questão do racismo enquanto manifestação de hostilidade para com o Outro e obstáculo ao desenvolvimento da comunicação intercultural surge também em publicações de potencial recepção juvenil, como é o caso de *Uma questão de cor*, de Ana Saldanha, e *Baumilha e Chocolate*, de Ana Meireles. O livro *Uma questão de cor* foi inclusivamente integrado em vários manuais escolares de Língua Portuguesa da Porto Editora. Acrescente-se que esta obra de Ana Saldanha foi também recomendada pelo IBBY e finalista do Prémio Unesco de Literatura Infantil e Juvenil em Prol da Tolerância de 1997 (Gomes, Silva, & Ramos, 2006, p. 1).

Tendo como acção central a integração de Daniel na nova escola, através de Nina, sua prima, questionam-se alguns preconceitos e, de certa forma, dá-se conta da situação que se vive em Portugal no que se refere à discriminação de outras pessoas com base na sua raça (“Desses racismos se faz a tolerância portuguesa. Ciganos, pretos, todos os que não são como a maioria são vítimas de discriminação e insultos.”, p. 47). Como afirmam Gomes et al., (2006, p. 1), “Mais do que uma lição de moral sobre a igualdade, a multiculturalidade e a tolerância, a narrativa desmonta o conceito, apresentando-o como consequência de comportamentos estereotipados, irreflectidos e acrílicos que não têm em conta a individualidade da pessoa humana.”

Também em *Baumilha e Chocolate*, livro recomendado para leitura autónoma para os alunos do 5.º ano de escolaridade, os leitores são confrontados com situações de discriminação racial, experienciando, através da identificação com a protagonista Jasmim, imigrante proveniente de Angola, o sofrimento a que a mesma é sujeita na escola. Com efeito, alguns dos colegas de Jasmim proferem comentários depreciativos em relação à sua cor da pele, manifestando posições xenófobas e profundamente discriminatórias:

“Os pretos ou são muito inteligentes ou muito estúpidos, Tu aí, ó caladinha, és o quê?” (p. 12)

“Quando entrámos na sala 32 estava escrito no quadro, em letras garrafais: Não queremos pretos, os pretos em África. E ao lado destas gordas palavras estava um sinal que a s’*tora* de História disse que se chama “cruz suástica”. É um símbolo terrível que mais tarde te explico. [...] Foi então que a s’*tora*, a mesma que eu tenho andado a detestar porque sou burra, ou cegueta, soltou um grito dos diabos: - RACISTAS! RACISTAS! Apaguem o quadro. Já!” (p. 106)

De algum modo, através das confidências de Jasmim, os leitores são confrontados com a solidão e tristeza de quem se sente Outro, o que permite ver o Mundo desde outros ângulos. Estes livros, de algum modo, interpelam os leitores e contribuem para a formação do seu espírito crítico e reflexivo, porque questionam comportamentos estereotipados e preconceituosos vigentes nas sociedades.

#### Reflexões finais

No contexto da promoção de uma educação intercultural, como sublinha Balça (2007, p. 484), a literatura infanto-juvenil constitui-se como um bom recurso pedagógico, não só porque encerra em si valores literários, valores estéticos e valores sociais, mas também porque propicia, aos leitores mais pequenos, múltiplas leituras e olhares plurais sobre o mundo, aspectos fundamentais para o alargamento de horizontes e para a construção de um diálogo, que conduza à interrogação da realidade e à partilha de respostas e de conhecimentos.

Estabelecendo-se como um lugar de encontro dos leitores com o Outro e a diversidade de culturas, a literatura infanto-juvenil contribui para o desenvolvimento das competências interculturais, para a tomada de consciência do Outro, promovendo a aceitação e acolhimento de todos, independentemente da sua diferença. E este deve ser um esforço permanente da educação, como bem sublinha um dos nomes mais relevantes no âmbito da educação intercultural: “educational equality, like liberty and justice, is an ideal toward which human beings work but never fully attain. (...) When prejudice and discrimination are reduced towards one group, they are usually directed toward another group or take new forms” (Banks, 2009, p. 4).

O diálogo com Outro não se coaduna com posições etnocêntricas, de “fobia”, mas com atitudes de acolhimento e de respeito, numa postura de “filia”, valorizando, num patamar de igualdade, o Outro e a sua cultura (Pageaux, 1989). Neste sentido, a abertura ao Outro implica, como destacam Cabecinhas & Cunha (2008, p. 9), transformação recíproca, devendo o diálogo ir para além de uma certa dimensão “folclórica”.

Cremos que, através dos livros de potencial recepção infantil e juvenil aqui apresentados, crianças e jovens podem tornar-se cidadãos mais atentos a estas questões: cruzando olhares com os protagonistas e com a sua cultura, poderão ver o Mundo de várias perspectivas, transformando-se, paulatinamente, em sujeitos que olham o Outro de igual para igual, seres mais respeitadores e solidários, porque mais humanos.

Os textos literários que abordam a questão da multiculturalidade apoiam, inquestionavelmente, uma reflexão sobre o diálogo entre as culturas e contribuem, como sublinha Gomes (n.d., p. 4), “para uma educação simultaneamente literária e social enformada por valores positivos subjacentes a esse intercâmbio”, o que apoiará e promoverá a comunicação intercultural.

## Referências

- Abdallah-Preteuille, M. (1996). *Vers une pédagogie interculturelle*. Paris: Anthropos.
- Abdallah-Preteuille, M.; Porcher, L. (1996). *Éducation et communication interculturelle*. Paris: PUF.
- Alçada, I. (2002). Um Cânone de Autores é um Index de Autores. *Actas do II Encontro “O Desafio de Ler e Escrever: Leitura e Coesão Social”*. Lisboa: Civitas.
- Balça, Á. (2007). “Era uma vez...” da Literatura Infantil à Educação para a Cidadania. In Fernando Azevedo, Joaquim M. Araújo, Cláudia S. Pereira, Alberto F. I. Araújo (Ed.), *Imaginário, Identidades e Margens – Estudos em torno da Literatura Infanto-Juvenil* (pp. 478–485). Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Banks, J. (2009). Multicultural Education: Characteristics and goals. In J. Banks & C. A. McGee (Eds.), *Multicultural Education: Issues and Perspectives* (7.<sup>a</sup> ed., pp. 3–32). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Bastos, G. (2008). Imagens de l’Orient dans la Littérature de Jeunesse au Portugal. *Actas do Colóquio Internacional Orient et Occident/East Meets West in Istanbul*. Istanbul.
- Blockeel, F. (2001). *Literatura Juvenil Portuguesa: identidade e alteridade*. Lisboa: Caminho.
- Cabecinhas, R. (2010). Expressões de racismo: mudanças e continuidades. In A. C. S. Mandarino & E. Gomberg (Eds.), *Racismos: Olhares plurais* (pp. 11–43). Salvador: Editora Federal da Bahia.
- Cabecinhas, R., & Cunha, L. (2008). Da importância do diálogo ao desafio da interculturalidade. In R. Cabecinhas & L. Cunha (Eds.), *Comunicação Intercultural: perspectivas, dilemas, desafios*. Actas da Conferência Internacional Comunicação Intercultural (pp. 7-12). Porto: Campo das Letras.
- ECRI (2006). *Terceiro relatório sobre Portugal*. ECRI/ Comissão Europeia contra o Racismo e a Intolerância. Disponível em: [http://hudoc.ecri.coe.int/XML/Ecri/ENGLISH/Cycle\\_03/03\\_CbC\\_eng/PRT-CbC-III-2007-4-ENG.pdf](http://hudoc.ecri.coe.int/XML/Ecri/ENGLISH/Cycle_03/03_CbC_eng/PRT-CbC-III-2007-4-ENG.pdf)
- Gomes, J. A. (n.d.). Literatura para a infância e a juventude entre culturas. Retrieved from [http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_JAG\\_intercultu\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_JAG_intercultu_a.pdf)
- Gomes, J. A., Silva, S. R. da, & Ramos, A. M. (2006). Multiculturalismo, identidades permeáveis e Literatura Infanto-juvenil – Comentário com vista à formação leitora de *Uma questão de cor*, de Ana Saldanha. In B.-A. Roig-Rechou, I. Soto López, & P. Lucas Domínguez (Eds.), *Multiculturalismo e Identidades permeáveis na Literatura Infantil y Juvenil* (pp. 189-201). Vigo: Ediciones Xerais de Galicia. Disponível em: [http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot\\_questao\\_cor\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/documentos/ot_questao_cor_a.pdf)
- Kristeva, J. (1988). *Étrangers à nous-mêmes*. Librairie Arthème Fayard.
- Lages, M., Policarpo, V. M., Marques, J. C., Matos, P. Lopes, & António, J. H. C. (2006). *Os imigrantes e a população portuguesa: imagens recíprocas*. Lisboa: ACIME.
- Marques, J. F. (2007). *Do “não racismo” português aos dois racismos portugueses*. Lisboa: ACIDI.
- Morgado, M. & Pires, N. (2010). *Educação intercultural e literatura infantil. Vivemos num mundo sem esconderijos*. Lisboa: Colibri.
- Pageaux, D.-H. (1989). De l’imagerie culturelle à l’imaginaire. In Pierre Brunel, Yves Chevrel (Ed.), *Précis de Littérature Comparée* (pp. 133–161). Paris: Presses Universitaires de France.
- Santos, M. de L. et al. (2007). *A Leitura em Portugal*. Lisboa: GEPE, Ministério da Educação.
- Soares, L. D. (2002). Autores Obrigatórios: Sim ou Não? *Actas do II Encontro “O Desafio de Ler e Escrever: Leitura e Coesão Social”*. Lisboa: Civitas.
- Livros infanto-juvenis*
- Botelho, Margarida (2007). *A Coleção*. Edição de Autor.
- Braga, Maria Ondina (2004). *O jantar Chinês e outros contos*. Lisboa: Caminho.
- Canhoto, Carlos (2006). *Barbatanan nas cores do arco-íris*. Coimbra: Pé de Página Editores.
- Cunha, Clara (2008). *O Cuquedo*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Magalhães, Ana M.; Alçada, Isabel, coleção *Uma Aventura*, Lisboa: Editorial Caminho.
- Martins, Isabel Minhós (2008). *O meu vizinho é um cão*. Oeiras: Planeta Tangerina.
- Meireles, Ana (2001). *Banilha e Chocolate*. Lisboa: Verbo.
- Moutinho, Mafalda. Coleção *Os Primos*. Lisboa: D. Quixote.
- Pires, José Cardoso (2009). *O Conto das Chinesas*. Alfragide: Dom Quixote.
- Saldanha, Ana (2002). *Uma questão de cor*. Lisboa: Caminho.
- coleção *Vamos Viajar*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Soares, Luísa Ducla (2006). *Há sempre uma estrela no natal*. Porto: Civilização Editora.
- (2007). *Desejos de Natal*. Porto: Civilização Editora.

## Notas

<sup>1</sup> A criação do *Observatório Europeu do Racismo e da Xenofobia* (EUMC), em 1997, do qual Portugal se tornou membro, resulta do reconhecimento de um aumento da discriminação racial e étnica

---

(Cabecinhas, 2010). Em 2002 esse organismo deu lugar à *European Commission against Racism and Intolerance* (ECRI).

<sup>2</sup> O *Entreculturas* está actualmente integrado no ACIDI (*Alto Secretariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural*), dedicando-se à promoção do diálogo intercultural.

<sup>3</sup> Outras instituições foram criadas em Portugal com o objectivo de promover o acolhimento dos imigrantes e combater o racismo e a xenofobia e promover a educação intercultural, nomeadamente: em 1996, o *Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas* (actual *Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural* - ACIDI); em 2000, a *Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial*; o *Movimento SOS Racismo*, em 1990, entre outros.

<sup>4</sup> Esta questão das listagens surge com contornos polémicos (Alçada, 2002), embora se considere, por um lado, importante o papel da escola na disponibilização de obras relevantes e se reconheça, por outro lado, a influência de lóbis pedagógicos, políticos, culturais, ideológicos e editoriais entre outros (Soares, 2002).

<sup>5</sup> Embora o PNL não identifique todos os títulos dos volumes publicados em séries de aventuras, adverte que os indicados podem ser substituídos por outros dentro da mesma colecção.

<sup>6</sup> Alguns dos livros incluem uma parte não ficcional onde se relata a viagem das autoras a esses países antes da redacção da narrativa, como é o caso dos livros da colecção *Uma Aventura*, explanando alguns factos históricos e culturais.